

7 não teve

RUBEM BRAGA

A Muralha da Côr

Uma reportagem de Paulo César de Araújo no «Jornal do Brasil» chamou a atenção do público — e, parece, também do Ministro Jarbas Passarinho — para o problema da discriminação racial no Rio — e, certamente, também no Brasil. Não é mais possível ignorar isso. O Serviço de Orientação Profissional e Colocação do Banco da Previdência informa que os diretores de pessoal da maioria das empresas privadas da Guanabara refugam os candidatos e candidatas a emprego quando não são brancos. As assistentes sociais da SOPEC dizem que não adianta encaminhar um candidato a emprego «de cor parda», mesmo que ele tenha todas as outras qualificações exigidas pelos empregadores. Um jovem mulato que tinha curso de IBM completo só arranjou emprego de servente! Muitos hotéis só aceitam gente de cor para servente de cozinha.

O mesmo informam os funcionários do Departamento Nacional de Mão-de-Obra e do Serviço de Emprego da Delegacia Regional do Trabalho. Ninguém quer gente de cor para balconista nem auxiliar de escritório.

Existe, assim, um preconceito rígido, que dificulta a ascensão social da gente de cor. A nossa famosa «democracia racial» é, infelizmente, uma grande mentira, embora o problema não tenha aqui a crueza que tem em outros países, como os Estados Unidos.

Há quem sugira obrigar cada empresa a ter um certo número de empregados de cor, como existe a obrigação de ter uma certa porcentagem de brasileiros. Em princípio não sou contra a idéia, mas não sei se na prática ela terá bons resultados. O número de pessoas de cor qualificadas para empregos melhores é infelizmente, pequeno, pois a miséria econômica do negro e seu correspondente baixo nível de educação ainda são a regra, 80 anos depois da Abolição. Eu confiaria mais em uma campanha junto a dirigentes de grandes empresas, homens que, pelo seu poder econômico, não podem deixar de cuidar de sua imagem pública; esses cavalheiros seriam convidados a mostrar que são contra o preconceito de cor (e acredito que pessoalmente, em sua maioria, eles sejam) ordenando aos encarregados de selecionar o pessoal para suas empresas que acabem com qualquer tipo de discriminação racial. E mesmo que, em igualdades de condições, dêem preferência aos elementos de cor — vantagem para compensar, de maneira mínima, a secular exploração dos negros no Brasil.

Por que não vemos pretos, nem mulatos na Varig? Conheço uma jovem mulata que tentou em vão arranjar lá um lugar de aeromoça; depois de muita tapeação, alguém lhe disse com franqueza: «olhe, minha filha, não perca seu tempo: aqui eles não aceitam gente de cor para isso». O caso é grave por se tratar de uma imensa empresa que goza de enormes favores públicos. Que diz a isso o meu caro amigo Erick de Carvalho, presidente da Varig?

Por hoje fico nesta pergunta. Farei outras a outras pessoas. Tenho a impressão de que uma boa campanha de imprensa, rádio e televisão, apelando para os chefes de grandes empresas — lojas, bancos, etc — e convocando-os pelos nomes, poderá ter efeito. Acabo de ler o livro que Nice Rissone entregou à Editora Sabiá — «A Muralha da Côr no Brasil», e confesso que fiquei impressionado.

Mas, para começar, vamos esperar a resposta do Sr. Erick de Carvalho — resposta pública, porque é de público, sem cochichos, que esses problemas devem ser enfrentados: a hipocrisia e o silêncio é que os eternizam e agravam.

DN. 8 Nov 68

148